

# A ZÉLIA AMADOR DE DEUS SEUS ENTRAVES NOS CAMINHOS TRILHADOS NA LUTA ANTIRRACISTA

## ZÉLIA AMADOR DE DEUS: HER OBSTACLES IN THE ANTI-RACIST STRUGGLE

Denilson Marques dos Santos<sup>1</sup>

Daniel Marques dos Santos<sup>2</sup>

Sônia Cristina de Albuquerque Vieira<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa, por meio de pesquisa bibliográfica, expor a trajetória de uma das maiores ativistas e intelectuais negras do Brasil na contemporaneidade: a professora Zélia Amador de Deus, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Em termos teórico-metodológicos, utilizou-se a obra "*Caminhos trilhados na luta antirracista*", publicada em 2020 pela referida professora, na qual a professora apresenta sua trajetória de vida pessoal, militante e acadêmica que se revela semelhante à de outras mulheres negras e pobres que ascenderam socialmente. Assim como Zélia, elas precisam ainda travar uma luta árdua para romper com o lugar social destinado a elas na atualidade. Também reitero que outras autoras embasaram o estudo, como: Angela Davis (2018), Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Joice Berth (2019), Patrícia Hill Collins (2019). Destarte, a adoção desta metodologia se justifica em razão desta obra possuir um caráter autobiográfico e etnográfico da referida professora. Como resultado, no estudo, identificou-se as vicissitudes pelas quais passa uma pessoa negra, quando não se resigna ao lugar de subalternizado, elementos estes presentes na vida do povo negro que conseguiram realizar a ascensão social por meio do acesso à educação. Concluímos que o artigo mostra como a professora Zélia ressignificou as dores do racismo impetradas a ela desde a infância e as transformou em força na luta pelos direitos de pessoas negras no decorrer de sua vida, especialmente na área da educação, por meio de sua importante contribuição na criação da lei das cotas raciais no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zélia Amador de Deus. Luta Antirracista. Educação. Rede de Inclusão.

### ABSTRACT

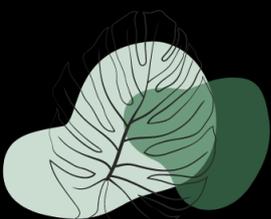
This article aims, through bibliographical research, to expose the trajectory of one of the greatest black activists and intellectuals in contemporary Brazil, the teacher Zélia Amador de Deus of the Federal University of Pará (UFPA). In theoretical-methodological terms, we used the book "*The ways anti-racist struggle*" published in 2020 by the aforementioned professor, where she seeks to present her personal, militant and academic life trajectory that reveals

---

<sup>1</sup> Discente de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: dede\_cecilia@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Discente do curso de Letras (Ênfase em Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: drodrigues0320@gmail.com.

<sup>3</sup> Docente Efetivo da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA). Doutor e Mestre em Ciências Sociais na área de concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em Licenciatura Plena em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) E-mail: soniacristinav@hotmail.com.



itself to be similar to that of other black and poor women who have ascended socially and like her still need to wage an arduous struggle to break with the social place destined to them today, I also reiterate that other authors supported the study, such as: Angela Davis (2018), Bell Hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Joice Berth (2019), Patricia Hill Collins (2019). Thus, the adoption of this methodology is justified by the fact that this work is autobiographical and ethnographic in nature. As a result, during the course of the research it.

**KEYWORDS:** Zélia Amador de Deus. Anti-racist Struggle. Education. Inclusion Network.

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos o referido artigo com uma frase de Angela Davis (filósofa negra estadunidense): “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (2018, p. 25). Esta afirmação é materializada quando observamos o protagonismo da professora emérita<sup>4</sup> da UFPA Zélia Amador de Deus, na Região Norte do Brasil.

Por conta disso, nosso objetivo, com este artigo, é difundir a trajetória de uma mulher negra, intelectual, militante na luta antirracista e na busca pela justiça social, notadamente no que diz respeito ao acesso de pessoas negras ao ensino superior. O percurso pessoal e profissional desta mulher admirável não pode ficar circunscrito apenas ao conhecimento da Região Norte. De fato, Zélia precisa ser conhecida e reconhecida no resto do Brasil.

Em termos teórico-metodológicos, utilizou-se a obra “*Caminhos trilhados na luta antirracista*” publicada em 2020 pela referida professora, na qual ela apresenta sua trajetória de vida pessoal, militante e acadêmica que se revela semelhante à de outras mulheres negras e pobres que ascenderam socialmente. Ademais, bem como Zélia, essas mulheres precisam ainda travar uma luta árdua para romper com o lugar social destinado a elas na atualidade. Esta obra representa, então, o núcleo central de seu pensamento, pois possui um caráter autobiográfico e etnográfico da referida professora e traz a atuação dela no âmbito político-social no período de 1990 a 2019, respectivamente. O ativismo de Zélia Amador possibilita o conhecimento sobre as dificuldades enfrentadas, mas também que a superação pode ser alcançada por pessoas negras, a despeito do racismo cotidiano, no que tange ao acesso à educação e, portanto, ao conhecimento como uma via ao empoderamento. Isto fica evidente nas palavras da própria professora Zélia: “me safei pela educação” (Deus, 2020, p. 25).

---

4 Sendo a primeira mulher negra a ser contemplada com este título em 19/11/2019 na maior instituição de ensino superior pública da referida região.



## 2 APRESENTANDO ZÉLIA AMADOR DE DEUS

Zélia nasceu em uma fazenda de gado no atual município de Salvaterra (na Ilha do Marajó) no Estado do Pará. Ela narra que sua mãe engravidou aos quinze (15) anos de idade, sendo, portanto, filha de uma adolescente mãe solo, como milhares de crianças negras deste país. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense) de 2015 nos mensura esta incômoda realidade, já que praticamente três em cada dez meninas iniciam a vida sexual entre 13 e 15 anos, podendo, como resultado contrair uma infecção sexualmente transmissível ou até uma gravidez precoce. No Brasil, em 2018, 21.154 bebês nasceram de mães com menos de 15 anos de idade, conforme dados do Educa Censo de 2019.

Conta Zélia (2020) que Dona Francisca (sua avó), para evitar o fatídico destino que ocorrerá com sua filha, juntou dinheiro e decidiu se mudar com Zélia (sua neta) e família para a capital, Belém. Na nova cidade, Zélia trilhou uma trajetória diferente daquela tão comum às meninas negras e pobres, sobremaneira nos interiores do Brasil. Ela narra algumas dificuldades encontradas na capital, como o regime de semiescravidão imposto à mãe, que trabalhava como empregada doméstica. Segundo Zélia (2020), há uma “*troca de inversão*” da Casa Grande para os apartamentos e/ou condomínios horizontais das Grandes Metrôpoles.

Entretanto, ao sustentar que não apenas aprovavam como ainda preferiam que o trabalho doméstico fosse realizado por pessoas negras, em detrimento das brancas, tais senhoras acabavam reforçando os estereótipos da mulher negra como empregada naturalmente resistente, dócil e confiável. Conforme Davis pondera: a definição tautológica de pessoas negras como serviços é, de fato, um dos artifícios essenciais da ideologia racista (Davis, 2018, p. 102).

Seu avô passou de vaqueiro, no Marajó, para trabalhador braçal na construção civil, e sua avó trabalhava como lavadeira de roupas, outra herança, segundo ela, deixada pelo processo escravocrata no país.



**Figura 1** - O cotidiano da família brasileira no Rio de Janeiro (Obras de Debret)



Fonte: Jornal Histórico Online (2023)

Esta obra de Debret nos possibilita identificar o quanto as relações de poder estavam inseridas no dia a dia dos indivíduos no período colonial e como elas se estabelecem na contemporaneidade, na perspectiva da própria Zélia, como uma troca de inversão.

Destarte, Dona Francisca assumiu para si o protagonismo na sua criação para que esta inversão não lhe atingisse de alguma forma, constituindo-se para Zélia a verdadeira figura maternal, certamente pela idade precoce que sua mãe possuía.

### **3 O EMPODERAMENTO NA FIGURA DE SUA AVÓ**

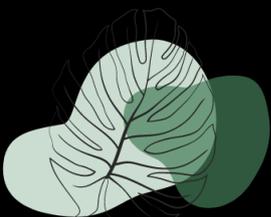
Já na primeira infância, Zélia conheceu a face perversa do racismo por meio de ofensas e discriminação. Dificilmente uma criança negra passa incólume à experiência dolorosa do descobrir-se negro, acompanhado do sentimento de inferiorização que tentam nos impor de forma violenta, mas dissimulada.

Ela relata estas experiências em dois episódios<sup>5</sup>:

- Todos os dias, a caminho do colégio, eu tinha que escutar o coro “nega do batuque”. Não me importava muito, pois, eu adorava o batuque. Mas não custou muito e veio a

---

<sup>5</sup> Os dois episódios narrados sinalizam para o que Moreira (2019, p. 53) denomina de “microinsultos”. Trata-se de uma espécie de “microagressões” que, de acordo com o autor, se manifestam na forma de: Sentimentos de superioridade que uma pessoa sente em relação à outra por fazer parte do grupo dominante ou também podem assumir a forma de mensagens ou representações culturais derogatórias quando símbolos ou ritos sinalizam desprezo por membros de grupos minoritários.



“nega do cabelo de palha de aço”. Aí foi demais, aí me ofendi e logo veio à minha cabeça a fala constante da minha avó: “*Não te abaixa, ninguém é melhor que tu*”.

Outro foi quando eu tinha dez anos de idade: Aí, foi quando eu senti o que é ser preta. Eu gosto muito de dançar, então me ofereci para uma apresentação que ia ter na escola denominada “Ao toque da Macumba” na Semana da Consciência Negra. Mas entre as meninas, eu não havia sido escolhida e questionei isto com minha professora. Ela me disse que iam só as “meninas mais bonitinhas e ajeitadinhas”. Mas, como eu não era desajeitada por que a professora não me deixou participar, entende? (Deus, 2020, p. 29).

Porém, a menina Zélia não se intimidou com os “microinsultos”, talvez por intuitivamente já ter claro que, na maturidade, iria entender que mulheres negras precisariam ser corpos insurgentes, emergindo nela a consciência já na adolescência de que ser preta e pobre incomodava outras pessoas, e que estes dois marcadores [gênero e raça] não se alterariam. Logo, seria necessário impor sua presença no lugar em que estivesse.

**Figura 02** – Zélia Amador de Deus



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

Quanto à sua formação acadêmica, além de professora e atriz, é também diretora de teatro. Destaca-se, ainda, que ela possui Licenciatura plena em Língua Portuguesa, fez curso de formação de atriz, mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal Minas Gerais (UFMG), com a dissertação intitulada *Dalcídio Jurandir: regionalismo, relações raciais e de poder, em Marajó e Três casas e um rio*. Zélia obteve grau de Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, com a tese *Os herdeiros de Ananse: movimentos negros, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade*, que recentemente virou livro.



Ao longo da docência, foi cofundadora<sup>6</sup> do Centro de Estudo e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA) e do Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (GEAM-UFPA), criado em 2003. Também ela é ex-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), e, em 2012, participou ativamente da criação da *Lei de Cotas* (Lei nº 12.711/2012), sendo forte defensora do sistema de cotas para negros e pobres nas Instituições de Ensinos Superiores Brasileiras (IESB).

#### **4 RACISMO ESTRUTURAL: UM OUTRO EPISÓDIO**

Para Almeida (2019), atual Ministro de Estado dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil, o Racismo Estrutural se legitima quando o preconceito e a discriminação racial de alguma forma se consolidam na organização social, privilegiando determinada raça ou etnia em detrimento de outra. Ademais, continua Almeida (2019), esta consolidação na pirâmide social se revela basicamente por meio de três dimensões: economia, política e subjetividade.

Assim, o Racismo Estrutural organiza a forma de como o Estado e a sociedade, em suas diferentes esferas e camadas, organizam suas relações de poder, com base no reforço e na manutenção das múltiplas discriminações, objetivando a preservação dos privilégios da branquitude patriarcal (Foucault, 2005, p. 54).

Nesta perspectiva, Deus (2020) nos revela que, em sua trajetória pessoal e profissional, o racismo não o deixou de persegui-la. No final da década de setenta (70), a Professora Zélia, então, ingressa na Universidade Federal do Pará (UFPA) como docente. Ela comenta que, no departamento em que foi lotada, o de Artes e Comunicação, no Centro de Letras e Artes (CLA), era a única mulher negra em um espaço tomado por homens brancos e mulheres brancas.

A ausência de mulheres negras no espaço acadêmico está relacionada ao fato de existir, no Brasil, uma espécie de corrosão da identidade da mulher negra, prática que, além de amplamente veiculada na sociedade, também é utilizada para a manutenção de um sentimento e situação de inferioridade, de modo que, no mundo do trabalho, há uma certa naturalização de que as funções que são adequadas às mulheres negras são aquelas desprovidas de prestígio social (subalternizando estes atores sociais), como a de empregada doméstica, faxineira, merendeira, diarista, etc (Deus, 2020, p. 19).

---

<sup>6</sup> Com o novo acordo ortográfico o hífen só será obrigatório se o segundo elemento começar por “H” ou vogal não sendo igual. Exemplos: co-herdeiro, co-autor (ia). Em vogais iguais aglutina-se em geral o segundo elemento, como nos casos de: coocupante, coobrigação, cooperar, coordenação.



A professora Zélia não ficou apenas na constatação da ausência de pessoas negras na Universidade. Imbuída de seu espírito antirracista, intensificou a luta ao fundar o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA), a única organização em Belém do Pará criada e fundada por negros. Inicialmente, as atividades do centro compreendiam palestras em escolas, com o objetivo de discutir questões relativas ao povo negro. Contudo, as demandas foram surgindo e suscitaram uma série de preocupações que ampliaram o escopo do grupo, resultando na constatação da necessidade de repensar os currículos escolares, uma vez que neles há a deturpação deliberada da história oficial sobre as pessoas negras, reforçando o racismo estrutural presente na nossa sociedade.

Neste episódio ocorrido na época da campanha eleitoral, Zélia concorria ao cargo de diretora do Centro de Letras e Artes (CLA). Ao entrar em uma das salas de aula do CLA, se deparou com uma frase escrita por um colega de docência e adversário: “Não vote em preto, vote em branco”. Ela não se abalou, seguiu resiliente em sua campanha, certamente com o eco da voz da sua ancestralidade, sua avó Dona Francisca, que sempre lhe dizia: “Não te abaixa, ninguém é melhor que tu”. Resultado: Zélia venceu as eleições no referido Centro Acadêmico (CA). Vale ressaltar que de 1993 a 1997, Zélia Amador foi vice-reitora da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo a primeira mulher negra a ocupar este cargo no país. Hoje, ela é Assessora de Diversidade e Inclusão Social (ADIS) da referida IES.

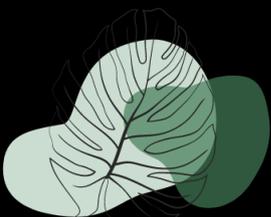
O ativismo de Zélia Amador possibilita o conhecimento sobre as dificuldades, mas também que a superação pode ser alcançada por pessoas negras, a despeito o racismo cotidiano, no que tange ao acesso à educação e, portanto, ao conhecimento como uma via ao empoderamento<sup>7</sup>. Isso é evidenciado nas palavras da própria professora: “*me safei pela educação*” (Deus, 2020, p. 45).

## **5 EM DOCUMENTÁRIO SUA VIDA E OBRA**

O curta-metragem *Amador, Zélia*, dirigido pelos cineastas Glauco Melo e Ismael Machado, foi produzido em 2022 pela Floresta Urbana e narra a trajetória desta educadora, artista, pensadora, ativista e respeitada professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mesclando lembranças pessoais, imagens de arquivo, encenação e ilustrações, a obra traz os contextos históricos do Pará

---

<sup>7</sup> Para quem nasceu mulher, negra e pobre neste país, a via para o empoderamento só poderia ser o conhecimento. E empoderar, de acordo com Collins (2019), está para além da transformação da consciência individual, de modo que alcançar genuinamente o empoderamento é alterar a dinâmica das instituições sociais que operam na base da exclusão e da injustiça.



a partir, principalmente, da eclosão dos eventos da década de 1960, com a implantação do regime militar, da ascensão dos movimentos estudantis, do teatro alternativo e do surgimento dos movimentos pelos direitos humanos.

O cineasta Glauco Melo (2022) revela: “A história de Zélia é inspiradora para toda a sociedade, principalmente nos tempos de retrocessos que vivemos atualmente. Realizar este documentário sobre a vida da referida professora foi mais que uma satisfação, foi um constante aprendizado nesta experiência vivenciada na construção desta produção”.

Josiel Paz (ilustrador *queer*<sup>8</sup>) foi um dos responsáveis pelas ilustrações em 2022. Dizendo estar lisonjeado de fazer parte da composição da referida obra, afirmando também, como Glauco, retratar a professora Zélia Amador de Deus foi entusiasmante e desafiador. Segundo o ilustrador Josiel Paz (2022), foi ela uma das primeiras professoras que teve na UFPA na condição de preta. E vê-la naquela posição me deu ainda mais coragem para não desistir de meus sonhos como discente.

**Figura 03** – Capa do Documentário

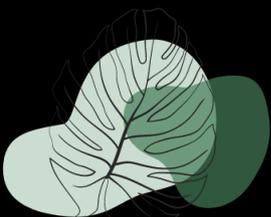


**Fonte:** G1 (2023).

Para ele, Zélia não é qualquer professora. Ela ensinou a turma, não apenas provocando os debates, discussões, mas, acima de tudo, tirando as máscaras que tapavam nossos olhos do racismo

---

<sup>8</sup> “*Queer*” é uma palavra em inglês que significa “estranho”. O termo é usado para representar as pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros e/ou orientação sexual, sem concordar com tais rótulos (Jagose, 1996, p. 27).



estrutural dissimulado e a intolerância pré-existente advinda desde o período da escravidão no Brasil. Tais fatos o ilustrador tentou revelar na capa criada para o documentário contrapondo-se que de “*amador*” a professora Zélia não tem nada, tornando-se protagonista de sua vida e de alguma forma na vida de seus inúmeros discentes que, como Josiel, foi encorajado pela professora em sala de aula, mesmo na condição de ser preto, em relação ao seu futuro profissional.

Diante do exposto, o racismo só pode ser compreendido como relação de poder, estruturado por dentro das instituições sociais e sua superação não se faz sem a reforma destas (Ribeiro, 2019). Nesta perspectiva, corrobora Davis (2018, p. 32), afirmando: “o racismo deve ser compreendido como uma relação que se estrutura política e economicamente nas sociedades”.

Para Hooks (2019, p. 37), a raça ganha centralidade como variável presente na produção e na reprodução das desigualdades sociais e nos processos de exclusão social da população negra mundial. No dizer de Berth (2019, p. 14), a raça também está presente na estrutura de classe e no sistema de estratificação social, daí a importância de uma análise crítica versada sobre as relações étnicas raciais no pós-abolição e sua permanência se revela no racismo estrutural institucional no Brasil.

## 5.1 O “MITO DE ANANSE” RETRATADO

No documentário, Zélia Amador relata o “Mito de Ananse” e nos revela que ele pertence à cultura Fantí Ashanti. O mito é narrado da seguinte forma também por Celso Sisto (2014):

Houve um tempo em que na Terra não tinha nenhuma história para se contar. Todas pertenciam a Nyame (Deus do Céu). Mas que Kwaku Ananse (homem aranha), queria comprar as histórias de Nyame para contar ao povo de sua aldeia. Então, ele teceu uma teia de prata que ia da terra até o céu.

Quando Nyame ouviu Ananse, aquele homem velho e magro, dizer que queria comprar suas histórias, ele riu muito e falou:

- Lhe dou minhas histórias Ananse. Mas, terá que fazer três (03) tarefas para consegui-las e são elas: Quero que você me traga Osebo, o leopardo com dentes terríveis; Mnboro os marimbondos que picam como o fogo e Moatia a fada que nenhum homem jamais viu. Cumprida as tarefas as histórias que são minhas serão suas.

Ananse deu um sorriso e respondeu:

- Trarei as tarefas e as histórias então serão minhas!

Ananse, então, desceu por sua teia de prata que ia do Céu até o chão para cumprir as tarefas que o Deus do Céu havia exigido.

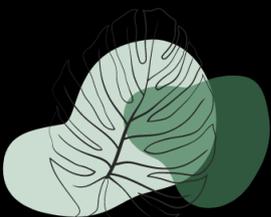
Ele correu por toda a selva até que encontrou Osebo, o leopardo de dentes terríveis. E o leopardo falou:

- Ah, Ananse! Você chegou na hora certa para ser o meu almoço!

- O que tiver de ser será!, disse Ananse.

- Mas primeiro vamos brincar de amarrar.

O leopardo que adorava jogos, logo se interessou pelo jogo de amarrar.



E logo perguntou: Como se joga este jogo?

Ananse, respondeu:

- Com cipós, eu amarro você pelo pé com o cipó e depois desamarro. Aí, é a sua vez de me amarrar. Ganha quem amarrar e desamarra mais depressa o oponente, disse Ananse.

- Muito bem! rosnoou o leopardo de dentes terríveis que planejava devorar o Homem Aranha assim que o amarrasse.

Ananse, então, amarrô Osebo pelo pé. Depois, ágil como o homem aranha, foi amarrando todos os pés do leopardo. Quando ele estava bem preso, pendurou-o amarrado a uma árvore dizendo:

- Agora Osebo, você está pronto para encontrar Nyame (Deus do Céu). Reiterando que a primeira tarefa estava cumprida.

Depois, Ananse cortou uma folha de bananeira, encheu uma cabaça com água e atravessou o mato alto até a casa de Mmboro (marimbondos que picam como o fogo). Lá chegando, colocou a folha de bananeira sobre sua cabeça, derramou um pouco de água sobre si, e o resto sobre a casa de Mmboro dizendo:

- Está chovendo e chovendo muito. Vocês não gostariam de entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas?

- Muito obrigado, zumbiram os marimbondos entrando na cabaça que Ananse tampou rapidamente.

Assim, Ananse pendurou a cabaça na árvore junto a Osebo dizendo:

- Agora Mmboro, você está pronto para se encontrar com o Deus do Céu. Sinalizando que a segunda tarefa estaria cumprida.

Depois, Ananse esculpiu uma boneca de madeira, cobriu-a de cola da cabeça aos pés, e colocou-a aos pés de um flamboyant onde as fadas costumam dançar. Em sua frente, colocou uma tigela de inhame assado, amarrô a ponta de um cipó na cabeça da boneca e foi se esconder atrás de um arbusto próximo. Ficou segurando a outra ponta do cipó e esperou. Não demorou muito e chegou Moatia, a fada que nenhum homem viu.

Ela veio dançando, dançando, dançando, como só as fadas africanas sabem dançar, até aos pés do flamboyant. Lá, ela avistou a boneca e a tigela de inhame.

- Bebê de borracha, estou com tanta fome você poderia me dar um pouco de seu inhame?

Ananse rapidamente puxou a ponta do cipó para que parecesse que a boneca dizia sim com a cabeça. A fada, então, comeu tudo, depois agradeceu:

- Muito obrigada bebê de borracha.

Mas a boneca nada respondeu. A fada, então, ameaçou:

- Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou te bater!

E como a boneca continuasse parada, deu-lhe um tapa ficando com sua mão presa na sua bochecha cheia de cola. Mais irritada ainda, a fada ameaçou de novo:

- Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou lhe dar outro tapa.

E como a boneca continuasse parada, deu-lhe um tapa ficando agora, com as duas mãos presas.

Mais irritada ainda, a fada tentou livrar-se com os pés, mas eles também ficaram presos. Ananse, então, saiu de trás do arbusto, carregou a fada até a árvore onde estavam Osebo e Mmboro dizendo:

- Agora Mmoatia, você está pronta para encontrar Nyame! Confirmando que a terceira e última tarefa estaria cumprida.

Destarte, Ananse teceu uma imensa teia de prata em volta do leopardo, dos marimbondos e da fada e outra que ia do chão até o Céu e por ela subiu carregando seus tesouros até os pés do trono de Nyame. O Deus do Céu ficou maravilhado, e chamou todos de sua corte dizendo:

- Vejam, o pequeno Ananse cumpriu todas as tarefas que pedi por minhas histórias; de hoje em diante, e para sempre, elas pertencem a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha!

Ananse, maravilhado, desceu por sua teia de prata levando consigo o baú das histórias até o povo de sua aldeia. Quando ele abriu o baú, as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo e são contadas até hoje (SISTO, 2014, p. 67).



**Figura 04 – O “Mito de Ananse”**



**Fonte:** Mitografias (2023).

A adoção desta obra, no documentário, se justifica também em razão dela possuir um caráter autobiográfico e etnográfico dando uma maior visibilidade a uma das mais importantes intelectuais e ativistas negras da Região Norte.

A partir desse estudo, identificamos as vicissitudes pelas quais passa uma pessoa negra, quando não se resigna ao lugar de subalternizado, elementos estes presentes na vida do povo negro que conseguiram realizar a ascensão social por meio do estudo. Tal fato é confirmado nas palavras da própria professora: “me safei pela educação”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A professora Zélia ressignificou as dores do racismo impetradas a ela desde a infância e as transformou em força na luta pelos direitos de pessoas negras no decorrer de sua vida, notadamente no que diz respeito à educação, por meio de sua importante contribuição também na criação da Lei das Cotas Raciais no Brasil. Assim, nossa "Ananse" (deusa-aranha) da Amazônia (como carinhosamente gosta de ser conhecida) tem seguido espalhando suas teias por meio de redes de inclusão daqueles que, em nossa sociedade racista, constantemente os empurram para as margens.



Certamente, a professora Zélia, por intermédio de um movimento inverso, com suas teias, de alguma forma, puxa os excluídos, marginalizados, vulnerabilizados para a visibilidade, para o acesso aos bens sociais e para o seu reconhecimento como seres humanos, portadores de direitos no território nacional.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luís de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

**CADA MINUTO**. Filha de empregada doméstica, Zélia Amador de Deus recebe o título de professora emérita da UFPA, (2020). Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/355729/2020/03/14/filha-de-empregada-domestica-zelia-amador-de-deus-recebe-o-titulo-de-professora-emerita-da-ufpa>. Acesso em: 16 jul. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista negra: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JAGOSE, Anamarie. **Queer Theory: an introduction** New York (US): New York University Press, 1996.

JORNAL Histórico Online. Disponível em: <https://www.jornalhistoricoonline.blogspot.com>. Acesso em 15 ago. 2023.

MOREIRA, Adilson. **Pensando como negro: ensaio de hermenêutica jurídica**. São Paulo: Contracorrente, 2019.

**G1 PARÁ**. Zélia Amador traz o olhar ativista sobre as discriminações enfrentadas pela mulher negra, Belém, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/ze-lia-amador-traz-o-olhar-ativista-sobre-as-discriminacoes-enfrentadas-pela-mulher-negra.ghtml>. Acesso em: 16 jul.2023.



**GLOBO NEWS EM PAUTA.** Poema de Maya Angelou: “Ainda assim, eu levanto”. Trad. Jorge Pontual. Disponível em:

<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/pontual-recita-o-poema-ainda-assim-eu-levanto-de-maya-angelou-6278511.ghtml>

Acesso em: 15 de jul. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Denilson M. dos; COSTA, Maria Cecília F. da.; SANTOS, Denise M. dos. Utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino da língua inglesa e seus desafios na formação docente. **Revista Práxis Educacional (UESB)**, v. 16, n° 41, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i41.6483.

SILVA, Maurício. **O Novo Acordo Ortográfico.** 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

SISTO, Celso. **Mãe África:** mitos, lendas, fábulas e contos. São Paulo: Paulus, 5ª edição, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. **“É um pessoal lá de Bragança...”:** Um estudo antropológico acerca de identidades e numa festa de migrantes para São Benedito em Ananindeua/PA. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2000.

**Enviado em: 20/12/2023**

**Aceito em: 27/06/2024**